

Linguagens Verbovisuais e do Design - Urdiduras poéticas

Org. André Luiz Ming Garcia e Maria Zilda da Cunha

2022 FFLCH-USP

Diferentes tipos de imagens para diferentes tipos de texto

Ricardo Azevedo p.290-298

São obviamente complexas as relações entre texto e imagem e, para estudá-las, certamente é possível adotar múltiplas abordagens. A ideia deste capítulo é tratar do tema a partir da identificação de alguns tipos de textos e imagens.

Evidentemente, não se pretende aqui esgotar o assunto, que é amplo, mas sim apontar alguns caminhos de discussão.

Como sabemos, a invenção da imprensa tipográfica, ocorrida por volta de 1450, constituiu uma das principais alavancas do desenvolvimento científico e técnico que marcou o início da Idade Moderna e acabou, mais tarde, gerando ambiente e condições para que a Revolução Industrial pudesse acontecer. As repercussões da invenção da imprensa chegam, na verdade, até os dias de hoje. Fazemos parte, sem dúvida, de uma cultura profundamente impregnada por palavras e imagens impressas.

Antes de Gutemberg, a reprodução de textos e imagens era feita por intermédio de cópias manuais. Isto significava: 1) tiragens insignificantes, o que tornava o conhecimento inacessível à grande maioria de pessoas, e 2) grande imprecisão do material reproduzido que, por ser copiado manualmente por diferentes pessoas, costumava apresentar erros, distorções e diferenças importantes de uma cópia para outra.

Com a invenção dos caracteres móveis e da tipografia, foi finalmente possível reproduzir, de forma ilimitada, textos e imagens idênticos. Em vários pontos do mundo, diferentes pessoas puderam comparar e discutir informações exatamente iguais, agora fixadas pelos processos de impressão. Desde então, além de obras religiosas e de ficção, estas últimas em geral pouco ilustradas, proliferaram livros descrevendo experiências e teorias científicas, manuais técnicos de todo tipo, pesquisas em diferentes ramos do conhecimento, relatos de viagens, modelos e programas de tecnologia para indústria, arquitetura, engenharia, medicina, transporte etc.

Nestas obras, as ilustrações apresentavam, como principais características, a objetividade, a univocidade e o caráter descritivo e documental. Naturalmente, falar em “objetividade” implica falar em critérios construídos socialmente. W. M. Ivins Jr. (1975) conta que muitos dos primeiros livros impressos eram narrativas de viagens. E que era comum encontrar, num mesmo livro, a mesma imagem para retratar, por exemplo, dois castelos diferentes, um na Itália e outro na

Alemanha. A noção de “precisão” é algo que vem sendo construído ao longo do tempo e se aprimora com o desenvolvimento científico.

O surgimento, no século XVII, dos primeiros jornais periódicos só fez ampliar tal processo. Os desenhos estampados nos noticiários buscavam também, fundamentalmente, descrever e documentar: mostravam como havia sido a chegada de tal rei a tal país; o incêndio ocorrido em determinada cidade; os últimos inventos; guerras e batalhas; a assinatura de algum tratado; retratos de figuras públicas etc.

De meados do século XV até o fim do século XIX (época da invenção da fotografia), portanto durante cerca de quatro séculos, foi, pouco a pouco, sendo construída a sólida, embora nem sempre reconhecida, tradição de tratar desenhos impressos como sendo sempre, invariavelmente, objetivos, unívocos, informativos, descritivos e documentais. Tal tradição vigora até os dias de hoje.

É muito comum encontrar pessoas que associam, automaticamente, imagens impressas a informações, ou que imaginam que a função das imagens, quando apresentadas ao lado de um texto, é sempre esclarecer, informar, documentar, corroborar, dizer através de imagens exatamente o que o texto diz através de palavras. Em certos casos, isso pode ser verdade. Em outros, definitivamente, não. Veja-se, por exemplo, o texto abaixo:

Os quatro tenentes e dois sargentos envolvidos na morte de 19 sem-terra em Eldorado do Carajás (PA) afirmaram ontem, durante a 4a sessão do julgamento do caso, que atiraram para cima durante o confronto e não sabem quem seriam os responsáveis pelos homicídios (TENENTES..., 2002, p. A15).

Trata-se de um típico texto jornalístico. Refere-se a um lamentável episódio, de interesse público, ocorrido realmente. Se tivesse sido apresentado ao lado de imagens – no caso, não o foi – demandaria que estas fossem, em princípio, descritivas e documentais. As alternativas para ilustrar a matéria poderiam ser, por exemplo, fotos tiradas durante o massacre ocorrido em Eldorado, fotos de pessoas envolvidas, fotos da sessão de julgamento e coisas assim, ligadas sempre diretamente ao evento real noticiado.

O mesmo ocorre com o seguinte texto:

A grande marca deixada pelos paulistas na vida colonial do século XVII foram as bandeiras. Expedições que reuniam às vezes milhares de índios lançaram-se pelo sertão, aí passando meses e às vezes anos, em busca de indígenas a serem escravizados e metais preciosos. (...) A grande bandeira de Manuel Preto e Raposo Tavares que atacou a região de Guairá em 1629, por exemplo, era composta de 69 brancos, 900 mamelucos e 2000 indígenas (FAUSTO, 2019, p. 94).

É um texto didático e informativo sobre a história do Brasil. No livro, o trecho vem acompanhado de um mapa mostrando trajetos de várias expedições bandeirantes. Para ilustrá-lo poderiam também, eventualmente, ter sido utilizadas imagens com figuras de bandeirantes; uma vila colonial; índios e mamelucos;

armas e apetrechos usados na época etc. Trata-se, da mesma forma, de imagens informativas, unívocas, descritivas e documentais.

Livros didáticos, em princípio, caracterizam-se por apresentar textos imprecisos e objetivos, abordando fatos e eventos pretensamente acontecidos, assim como informações científicas ou técnicas consideradas verdadeiras, tudo isso vinculado a programas educacionais. Textos didáticos são utilitários, criados com o intuito de transmitir conhecimento e, note-se, de maneira a que todos os leitores, ao final da leitura, cheguem a uma mesma, específica e única interpretação.

As imagens de uma laranja, o Pão de Açúcar, uma girafa ou um pulmão, quando presentes em livros didáticos, devem apresentar certas características invariáveis e convencionais para que possam ser identificadas imediatamente. A linguagem e o estilo pessoal do artista; neste caso, precisam ser reprimidos para que o objeto que se pretende mostrar seja retratado da forma mais objetiva e pragmática possível. Trata-se da chamada imagem “realista” ou “fotográfica”. Em tese, nesta situação, desenhos feitos por artistas do mesmo nível técnico, utilizando recursos similares, ficarão muito parecidos. Afinal, uma laranja de tal tipo é sempre uma laranja de tal tipo; o Pão de Açúcar é sempre o Pão de Açúcar e uma girafa de tal espécie é sempre uma girafa de tal espécie. O mesmo pode-se dizer do pulmão humano. Qualquer um dos elementos citados, se for visto por um ângulo inesperado e inusitado, corre o risco de ficar descaracterizado. Imagine-se uma girafa vista de cima, perpendicularmente, ou o Pão de Açúcar retratado por um ângulo lateral, não convencional. Ambas as imagens poderiam até ficar interessantes, mas não seriam apropriadas para um livro de Ciências ou Geografia.

Em livros de literatura destinados a pessoas ainda em fase de alfabetização, crianças ou adultos, as imagens costumam ter função semelhante. Tendem e precisam ser objetivas, descritivas e documentais de forma a ajudarem o leitor a compreender e decifrar, a iluminar o texto que tem em mãos. Lendo um pouco e olhando um pouco, o leitor aprendiz acaba por compreender os assuntos tratados pelo texto.

Que função, porém, teriam as imagens, quando o leitor, seja qual for sua idade, já domina completamente a leitura? Se fosse um texto didático, sua função, como vimos, continuaria sendo a mesma: descrever e documentar o que foi dito através de palavras. Mas e se o texto for poético?

Sem a pretensão de definir o que seja a literatura, é preciso dizer duas palavras sobre algumas características do discurso literário. Em primeiro lugar, o texto literário é sempre e sempre fictício. Mesmo tratando de fatos que eventualmente tenham ocorrido – caso, por exemplo, de um romance histórico –, o faz através da ficção, inventando cenas, personagens, diálogos, monólogos interiores etc. Outro ponto importante: a literatura prima pela preocupação com a linguagem em si mesma. Trata-se do que se convencionou rotular de “função poética da linguagem”. Enquanto nos textos informativos e didáticos o discurso precisa ser

claro, objetivo, impessoal, referencial e unívoco, no texto literário, ao contrário, ele pode inventar palavras; pode criar ritmos inesperados e explorar as sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoques e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. Se todo o texto informativo pretende que muitos leitores cheguem a uma mesma e única interpretação, o texto literário tende à plurissignificação e à conotação: almeja que diferentes leitores possam chegar a diferentes interpretações. Pode-se dizer que quanto mais amplas forem as possibilidades de leitura oferecidas por um texto literário, maior será sua qualidade. Vejamos alguns exemplos, bastante variados:

E por causa de uma discussão sobre coisas de zepelim e assentador de moça, o anão Azevedinho Codó levou, de um certo Chico Pereira, pescoção de tal modo peçonhento que atravessou de foguete toda a cidade de Guarus e sumiu para o lado do Piauí numa poeirinha de não ser mais visto. No meio da semana, o delegado Xexé Barroso, encarregado de desvendar o paradeiro de Azevedinho, recebeu do seu colega do Palmeiral do Livramento o seguinte telegrama: “Passou pela rua do Comércio um nanico voando de passarinho, que só pode ser o procurado Azevedinho Codó. No meu fraco pensar, o pescoção ministrado ainda tem carvão para mais dois dias, pelo que telegrafei para Lagoinhas de modo que a autoridade competente espere o indigitado anão no campo de pouso, onde deve chegar no vento das quatro horas da tarde se não sofrer atraso no pescoção. Só quero saber se a gente devolve Azevedinho Codó via manual ou pela estrada de rodagem (CARVALHO, 1974, p. 38).

Ou

O primeiro dia de aula é o dia que eu gosto mais em segundo lugar. O que eu mais gosto em primeiro é o último, porque no dia seguinte chegam as férias. Os dois são os melhores dias na escola porque a gente nem tem aula. No primeiro dia não dá para ter aula porque o nosso corpo está na escola, mas a nossa cabeça ainda está nas férias. E no último, também não dá pra ter aula porque o nosso corpo está na escola, mas a nossa cabeça já está nas férias. Era o primeiro dia e era para ser aula de português mas não era porque todo mundo estava contando das férias. E como todo mundo queria contar mais do que ouvir, o barulho na classe estava mesmo ensurdecedor (GRIBEL, 1999, p. 7-8).

Ou esta parlenda infantil:

*Mis clof tara tara
Tiro liro clem clem
Clof tara tara tiro
Lofum fum o sungue
Is sungue is sungue
Tiro liro liro
Cata parium be (HEYLEN, 1991, p. 40)*

Ou este poema

*a onda anda aonde anda
a onda?
a onda ainda ainda
onda ainda anda aonde?
aonde?
a onda a onda (BANDEIRA, 1966, p. 286)*

Ou um trecho deste poema:

*Minha mão está suja. Preciso cortá-la.
Não adianta lavar.
A água está podre. Nem ensaboar. O sabão é ruim.
A mão está suja, suja há muitos anos.
A princípio oculta no bolso da calça, quem o saberia? Gente me chamava na ponta do
gesto. Eu seguia, duro.
A mão escondida no corpo espalhava seu escuro rastro. (...)
Inútil reter a ignóbil mão suja posta sobre a mesa.
Depressa, cortá-la, fazê-la em pedaços e jogá-la ao mar!
Com o tempo, a esperança e seus maquinismos, outra mão virá
pura – transparente – colar-se a meu braço. (ANDRADE, 1962, p. 18-20)*

Ou ainda:

*Fada Sempre-Viva mora numa casa que também é fada: é um casa-fada com janelas
encantadas. As janelas abrem-se sobre paisagens que imaginamos. A janela daqui
mostra um lugar cheio de borboletas. A janela dali mostra um céu estrelado, com lua,
dragão e astronauta. A janela do meio mostra o pensamento. E como o pensamento é
coisa de repente, a janela abre para o branco. Quem olhar por ela pensa o que quer
(ORTHOF, 1994, p. 4-5).*

E, para terminar:

*Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali*

*Mas era feita
Com muito esmero
Na rua dos Bobos
Número Zero (MORAES, 1980, p. 74)*

Em que pesem as diferenças entre os textos citados acima, uma coisa é certa: nenhum deles é didático ou pretende passar lições, prescrever ou informar. Todos referem-se a fatos inventados ou tratam os fatos da realidade de forma imaginosa e arbitrária. Todos são, portanto, ficção. Todos são marcados por uma voz subjetiva e singular, logo não podem ser considerados nem pretendem ser discursos “claros”, “unívocos” e “objetivos”. Todos apresentam grande liberdade com o uso da linguagem.

Todos, uns mais e outros menos, são, num certo sentido, ambíguos e plurissignificativos, ou seja, possibilitam diversas leituras, sensações e interpretações. Muitos, além de tudo isso, são claramente metafóricos.

Caso qualquer um destes textos fosse ilustrado, seria inadequado recorrer a imagens documentais. Documentar o quê? Não restaria outra saída ao ilustrador senão apelar a imagens de um outro tipo: subjetivas, metafóricas, poéticas, arbitrárias, fantasiosas, simbólicas, analógicas e ambíguas. Imagens compatíveis, diga-se de passagem, com os textos que pretendem ilustrar (e com o qual pretendem dialogar!).

Diante de um texto poético, portanto plurissignificativo, não há uma convenção na qual o ilustrador possa se apoiar. Resta a ele apenas um caminho: inventar arbitrariamente uma possibilidade de interpretação visual. Outro artista fatalmente daria ao mesmo texto outro recorte, talvez completamente diferente. De qualquer forma, é preciso dizer, dois trabalhos opostos, criados a partir de um mesmo texto de ficção, podem representar soluções absolutamente pertinentes e interessantes.

O assunto das relações texto e imagem foi tratado aqui de forma bastante esquemática e genérica. Há textos literários, por exemplo uma novela realista ou histórica, que, em tese, exigiriam o uso de imagens descritivas e documentais. Uma notícia de jornal pode também ser ilustrada por uma imagem analógica e relativamente arbitrária como, por exemplo, uma caricatura ou uma charge. Por outro lado, fique claro, as fronteiras entre os vários tipos de textos e imagens são quase sempre pouco nítidas e imprecisas.

Concluindo: enquanto as imagens que pretendem ilustrar textos didáticos, informativos e prescritivos reafirmam, descrevem e corroboram o que o texto já disse, imagens que se dispõem a ilustrar textos de ficção e linguagem poética – a literatura – são obrigadas a criar uma espécie de ficção visual, totalmente subjetiva e cheia de elementos arbitrários, ampliando assim, conseqüentemente, o universo significativo do texto.

Este talvez seja o grande desafio e o encanto do trabalho do ilustrador quando desenvolve seu trabalho a partir de um texto de ficção.

Tirando as exceções de praxe, pior idéia do que tratar de forma subjetiva, analógica, ambígua, poética, fantasiosa e arbitrariamente textos didáticos ou documentais, só mesmo a de tratar de forma objetiva, lógica, unívoca, descritiva, literal e documental textos poéticos e ficcionais.

Bibliografia

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 5a ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1962.

AZEVEDO, Ricardo. “Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro”. In: SERRA, Elizabeth D. *30 anos de literatura para crianças e jovens*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 105-112.

AZEVEDO, Ricardo. “Pensando em ilustrações de livros”. In: ALVES, Maria Leila (Org.). *Ideias – Linguagens e linguagens*. São Paulo: Fundação Para o Desenvolvimento da Educação, 1993.

BANDEIRA, Manuel. *Estrêla da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

CARVALHO, José Cândido de. “Anão no vento das quatro horas da tarde”. In: *Por que Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971, p. 38.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2019.

GRIBEL, Christiane. *Minhas férias, pula uma linha, parágrafo*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1999.

HEYLEN, Jacqueline. *Parlenda, riqueza folclórica*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

IVINS Jr., W. M. *Análisis de la imagen prefotográfica*. Tradução de Justo G. Beramendi. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1975.

MORAES, Vinicius. *A arca de Noé*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ORTHOFF, Sylvia. *A Fada Sempre-Viva e a Galinha-Fada*. São Paulo: FTD, 1994.

TENENTES e sargentos dizem ter atirado para cima em conflito com sem-terra.
Folha de São Paulo, São Paulo, p. A15, 5 junho 2002.

Sobre o autor

Ricardo Azevedo é escritor e ilustrador com muitos livros publicados, inclusive no exterior. Bacharel em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da FAAP (São Paulo), mestre e doutor em Letras pela USP.

Site: www.ricardoazevedo.com.br Facebook: facebook.com/rjdazevedo